

Agora/Ágora

Interfaces Tecnológicas Como Recursos Expositivos na Arte Contemporânea

Manoela Freitas Vares
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

Esse artigo se propõe a refletir, com uma abordagem crítica, sobre como a utilização da tecnologia, inserida estrategicamente nos meios expositivos, tem alterado historicamente as relações entre público e obras, tendo como estudo de caso a exposição Agora/Ágora Criação e Transgressão em Rede (2011), realizada no Santander Cultural, em Porto Alegre/RS e via rede internet. Procura-se assim, entender quais reverberações instauram novas possibilidades de reflexão sobre o modo como se realizam exposições de Arte e Tecnologia na contemporaneidade.

Palavras-chave

Arte e Tecnologia. Arte Contemporânea. Exposições. Tecnologia.

*

ABSTRACT

This article aims to reflect, with a critical approach, how the use of technology, strategically inserted in the expository media, has historically altered the relations between public and artworks, having as a case of study the exhibition Agora/Ágora Creation and Transgression on the web (2011), held at Santander Cultural, in Porto Alegre / RS and on the Internet. Thus, we seek to understand which reverberations create new possibilities for reflection on the way that art and technology exhibitions are held. In the contemporary.

Keywords

Art and Technology. Contemporary art. Exhibitions Technology.

Existem irrefutáveis mudanças que afetam o sistema da Arte Contemporânea, especialmente no que diz respeito à criação de propostas artísticas que são voltadas a uma aproximação cada vez maior entre obra e público. Por sua vez, a Arte e Tecnologia também proporciona modificações que vão desde o processo criativo e a produção artística até os modos de disponibilização e acesso a seus projetos. Assim, é significativo perceber e demonstrar as recentes contribuições de exposições como Agora/Ágora: Criação e Transgressão em rede (2011), principalmente a um público que ainda está sendo apresentado a uma arte que explora também as tecnologias de nosso dia a dia.

O desenvolvimento tecnológico tem modificado vários parâmetros da vida humana. Essas mudanças têm acontecido em diversas situações cotidianas às quais aos poucos fomos inseridos, e hoje encontramos-nos imersos na possibilidade de estar conectados à rede internet durante todo o dia. Nessa, são realizadas todo tipo de atividade, destacando-se as interações através da conectividade a lugares, pessoas, e também, há a possibilidade de nos interligarmos ao grande mundo da arte. Gilberto Prado (2003) afirma que

A partir desses sistemas de percepção mediados por computadores estamos redescobrimo e reconstruindo nossas relações com o mundo, habituando-nos a conviver de forma crescente com uma enorme quantidade de informação que se distribui em infinitos percursos e interconexões. (PRADO, 2003, p. 218)¹

Com o aprimoramento das técnicas da fotografia, e principalmente, da digitalização, o acesso que podemos ter a obras que estão nos mais importantes museus do mundo é ampliado. Por meio de uma rápida pesquisa e alguns cliques após, podemos visitar virtualmente diversas coleções. Através do site Videomuseum² é possível conhecer o acervo de importantes instituições, como a do Centro Pompidou, Museu Picasso, entre outros. O Museu do Louvre ainda oferece a possibilidade de fazer uma visita virtual a alguns de seus setores, como se estivéssemos - de fato - em algumas de suas salas. A popularização da internet, que permite a reprodução, armazenamento e a exibição de obras também na rede, abrangendo um maior número de pessoas, reflete na exposição apresentada, pois ela é fundamental na divulgação também de dados expositivos.

Isso posto, entende-se que é preciso pensar acerca da eficiência de interfaces tecnológicas em propiciar diferentes experiências entre público e obra. Através das colaborações trazidas pelos organizadores da exposição, podemos evidenciar as perspectivas trazidas por essa, para que novas exposições sejam realizadas também fazendo uso de novas tecnologias.

A exposição Agora/Ágora Criação e Transgressão em Rede (2011), teve curadoria geral de Angélica de Moraes, que é crítica de artes visuais, jornalista cultural e curadora, e foi dividida em dois ambientes: um que se situava no espaço físico da galeria, e um em um ambiente virtual, na web. A exposição presente no Santander Cultural, chamada de Agora Instantâneo Simultâneo, apresentava obras em linguagens tradicionais e também em novas mídias (como pintura, escultura, desenho, fotografia, vídeo e videoinstalação), no qual o argumento curatorial foi desenvolvido a partir da percepção do tempo.

¹ PRADO, Gilberto. Ambientes virtuais multiusuário. In DOMINGUES, Diana (org.). Arte e vida no século XXI: Tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

² <https://www.videomuseum.fr/fr>



Figura 1 – Espaço físico da exposição, no Santander Cultural. Fotografia de Danilo Christidis, reproduzida do Catálogo da Exposição

A mostra física contou com as obras Túnel (2010), de Rejane Cantoni e Leonardo Crescenti; SuperCinema (2011), de Rommulo Vieira Conceição; Bastidor (2010) de Ana Holck; Cartomante (2010), de Bogdan Perzynski; fotografias de Caio Reisewitz; Mamãe, papai, eu sou... (2008-2010), de Wagner Morales; Cinema Lascado (2010), de Giselle Beiguelman; Ponte (2008), de Raquel Kogan e Lea van Steen; e trabalhos variados de Perry Bard; Saint Clair Cemin, Toby Christian e Frantz. Os *talkshops* foram produzidos por Gigelle Beiguelman, Frantz, Rejane Cantoni e Leonardo Crescenti, Rommulo Vieira Conceição, Daniel Muller Caminha, Lino Bocchini, Celso Cândido de Azambuja, Karla Brunet, Juan Freire, Karine Freire, Patrícia Gomes Kirst, Aron Krause Litvin, Tiago Mattos e Felipe Anguinoni, Fábio Pezzi Parode, Jorge Renato Verschoore, Alex Primo e Guilherme Trindade Souto.

Ágora era o local de expressão máxima da cidadania na Grécia Antiga, onde ocorriam feiras, tribunas e discursos políticos dentro do espaço urbano. Passados muitos séculos, o lugar do movimento democrático mais pulsante é percebido na internet, principalmente nas redes sociais. É da conexão, das relações de colaboração que surgem as ideias e debates nos tempos de hoje. (MORAES, 2011, p.3)³

O espaço virtual, chamado de Ágora, foi proposto por Giselle Beiguelman, Juan Freire e outros colaboradores, procurava fazer relação entre a Ágora e as redes sociais, que são locais propícios para o exercício da liberdade de expressão. Os ambientes virtuais - um site dedicado à exposição e a rede *twitter* - possibilitavam a aproximação com as obras presentes na exposição, contendo dados sobre elas, sobre os artistas, a montagem e planta do local expositivo, além de outras informações, inclusive para pessoas que localizavam-se fisicamente distantes do local da exposição física - o que permitia a

³ MORAES, Angélica de. *Agora/Ágora: Criação e Transgressão em rede*. Porto Alegre:Estúdio Nômade, 2011.

aproximação de qualquer pessoa que os acessasse, do conteúdo da exposição. Segundo Angélica de Moraes, Agora/Ágora também se faz necessária como um modo de “celebrar e questionar o modo cada vez mais veloz do nosso estar no mundo hoje. Porque o indivíduo contemporâneo não mais vive em uma única dimensão. Ele é real e virtual. Tudo ao mesmo tempo”. (MORAES, 2011, p. 86)

Além disso, sua principal contribuição também está no fato de que se propunha nos espaços virtuais, a interação entre usuários, através dos *talkshops*, que aconteciam tanto no espaço físico quanto virtual, nos quais eram propostas discussões que envolviam temáticas contemporâneas em arte e também em questões que tangem o social, como o Artivismo e o empoderamento. Essa estratégia contribui para a divulgação da exposição, para a circulação de propostas artísticas, e aproxima o público, à media em que propõe a interação e um possível engajamento aos debates.



Figura 2 - Ambiente virtual da exposição, disponível no site <http://www.agora.art.br>

No campo das disputas políticas, esse esmaecimento dos limites entre real e virtual revela-se com clareza. Impacta as formas de organização e de ação dos movimentos sociais e é impactado por processos de manipulação e controle inéditos. Articula os territórios informacionais aos espaços sociais e econômicos e dá corpo a uma nova modalidade de ativismo, que projeta outras formas de uso dos dados e dos meios. Operando nas intersecções do real expandido pelas redes, esse ativismo indica possibilidades de mudança cultural a partir da reprogramação dos meios e de sua reverberação na esfera pública. (BEIGUELMAN, 2019, p. 66)⁴

⁴ BEIGUELMAN, G. Redes reais: arte e ativismo na era da vigilância compartilhada. Rapsódia, n. 12, p. 65-78, 8 jan. 2019. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/153434/150025> Acesso em 23 de abril de 2019.

Com o pensamento de Beiguelman, destaca-se que também a possibilidade de se ter acesso a uma exposição e fazer parte dela, seja através da visualização das obras, ou mesmo a participação em debates, também é uma forma de engajamento e empoderamento social. Assim, a exposição distingue-se pelas suas notáveis estratégias de utilização da internet e das redes sociais.

O lugar da produção curatorial foi expandido para incluir o espaço da Internet e o foco da atenção curatorial foi estendido do objeto para os processos até os sistemas dinâmicos de rede. Como resultado, o trabalho curatorial tornou-se mais amplamente distribuído entre múltiplos agentes, incluindo redes tecnológicas e software. (KRYSA, s/d., p. 7)⁵

A proposição de Krysa nos faz atentar também para as possibilidades que são oferecidas aos curadores na atualidade. Mais do que escolher uma temática ou um conceito que norteará a exposição, selecionar o espaço, as obras e artistas, esses profissionais podem dispor do auxílio de todo tipo de tecnologia, e com isso, tornar a Arte cada vez mais acessível.

Considerações finais

A exposição escolhida para este artigo reflete a pluralidade de modos expositivos que são desafiadores para os curadores, visto que é possível - a partir deles - realizar exposições online e/ou pelo menos a transmissão de parte de seus dados. Eles trazem, com essas mudanças, novos paradigmas e desafios para a realização de futuras práticas que promovam maior participação de todos os tipos de público.

É preciso também prestar atenção às demandas que as produções requerem aos espaços expositivos, quando ali são dispostas. Entende-se que as instituições devem passar por um processo de reformulação em suas estruturas, em adequar-se com materiais de suporte que vão além das paredes, cubos expositivos e assemelhados, para dispor também de computadores, monitores, projetores e, principalmente, acesso à rede internet.

Em suma, todos os integrantes do sistema das Artes devem considerar as novas experimentações artísticas, em função de adequar-se aos modos de produção, circulação e disponibilização destas propostas, bem como às demandas de um novo tipo de público, que está cada vez mais acostumado com as tecnologias. Afinal, a tendência é que cada vez mais, os dispositivos tecnológicos possam permitir diferentes modos de acesso às obras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEIGUELMAN, G. Redes reais: arte e ativismo na era da vigilância compartilhada. Rapsódia, n. 12, p. 65-78, 8 jan. 2019. Disponível em

⁵ KRYSA, Joasia. Curating Immateriality: the work of the curator in the age of Network Systems. Disponível em <https://monoskop.org/images/f/f6/Krysa_Joasia_ed_Curating_Immateriality_The_Work_of_the_Curator_in_the_Age_of_Network_Systems_2006.pdf> Acesso em 4 de junho de 2019.

<http://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/153434/150025> Acesso em 23 de abril de 2019.

KRYSA, Joasia. *Curating Immateriality: the work of the curator in the age of Network Systems*. Disponível em <https://monoskop.org/images/f/f6/Krysa_Joasia_ed_Curating_Immateriality_The_Work_of_the_Curator_in_the_Age_of_Network_Systems_2006.pdf> Acesso em 4 de junho de 2019.

MORAES, Angélica de. *Agora/Ágora: Criação e Transgressão em rede*. Catálogo expositivo do Santander Cultural. Porto Alegre: Estúdio Nômade, 2011.

PRADO, Gilberto. Ambientes virtuais multiusuário. In DOMINGUES, Diana (org.). *Arte e vida no século XXI: Tecnologia, ciência e criatividade*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.